

Médicos exigem Política de Saúde mais coerente

José Nêumanne Pinto

A implantação de um Sistema Nacional de Saúde, com a fixação centralizada de políticas e a execução descentralizada de programas, além da adoção de um esquema de hierarquização no atendimento e prioridade absoluta à rede de atenção primária, foi uma das sugestões de nove especialistas em saúde pública num debate patrocinado pelo JORNAL DO BRASIL, a respeito do desenvolvimento físico e mental do trabalhador brasileiro.

Especialistas em Medicina Preventiva, Nutrição e Atenção Materno-Infantil debateram durante sete horas as distorções da rede de assistência hospitalar instalada no Brasil e apresentaram uma série de sugestões para sua correção e a adoção de um outro sistema de saúde, para permitir ao trabalhador brasileiro viver de forma mais digna e produzir com maior aproveitamento em seus ambientes de trabalho.

Programas prioritários

O ponto de partida para as discussões foi um texto previamente preparado pelo Professor Hésio de Albuquerque Cordeiro, pesquisador do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Com 20 laudas e citando extensa bibliografia de apoio, o especialista em Medicina Preventiva abordou o tema a partir de seis enfoques: o nível de saúde da população; os problemas de gestação e do parto; os problemas de saúde das crianças até um ano de idade; os problemas de saúde do pre-escolar, do escolar e do adolescente; os problemas de saúde do homem e da mulher adultos; e os cuidados de saúde à população, particularmente relacionados às famílias operárias e de trabalhadores rurais.

A partir de sua análise, o Professor Hésio Cordeiro apresentou alguns programas que considera prioritários para atender especialmente aos problemas do desenvolvimento físico e mental do trabalhador e suas sugestões foram acatadas pelos participantes da mesa. São eles:

1 — Os cuidados à gestante, ao parto e à criança até um ano de idade, garantindo-se a assistência pré-natal, ao parto e à criança sadia ou enferma;

2 — A extensão da cobertura de vacinas a pelo menos 80% das crianças de até quatro anos de idade em relação à difteria, ao tétano, à coqueluche, ao sarampo e à poliomielite;

3 — Garantir a suplementação protéica e calórica à gestante, à puerpera e à criança de até quatro anos de idade;

4 — A saúde do escolar e a alimentação através da merenda escolar;

5 — As medidas de proteção do homem e da mulher trabalhadores relativas aos acidentes de trabalho e doenças profissionais;

6 — O cuidado ao adulto e ao velho, principalmente para as condições que mais freqüentemente os acometem;

7 — O controle das endemias como a malária, a doença de Chagas, a leishmaniose e a esquistossomose;

8 — O controle da tuberculose e da hanseníase;

9 — A prevenção dos tipos mais freqüentes de câncer como o de colo, de mama, de pulmão e os relacionados às exposições ocupacionais.

Conclusões

A reunião não teve a pretensão, nem seria possível, de abordar todos os aspectos referentes à saúde do trabalhador, o que equivale a dizer, da população brasileira. Dos pontos discutidos, focalizando questões referentes ao processo de

formação do homem, desde a concepção até a vida adulta, bem como problemas de saúde nesta fase da existência, foram destacados os seguintes:

1 — É necessário tornar mais eficiente o sistema de saúde, para beneficiar a gestante, a nutriz e a criança, adotando-se os seguintes critérios:

a) Implantar o Sistema Nacional de Saúde, com a fixação de políticas centralizada e a execução de programas descentralizada;

b) Na política de saúde, definir precisamente que programas devem ser executados prioritariamente;

c) Analisar a expansão e a ampliação da assistência à saúde do trabalhador rural;

d) Considerar a delegação da execução dos programas de saúde aos estados e municípios;

e) Adotar um esquema de hierarquização no atendimento, com adequada definição de objetivos para cada um de seus níveis;

f) Analisar a possibilidade de integrar os diversos programas de assistência à gestante, como a alimentação, a orientação ao planejamento familiar e outros;

g) Considerar a implantação de uma estrutura de carreiras para a área da saúde.

2 — Urge utilizar a escola como agente de promoção da saúde, por meio das seguintes providências necessárias:

a) Considerar a adoção do ensino de educação em saúde, nos centros de formação dos professores, para primeiro e segundo graus;

b) Dar ênfase a programas de prevenção e erradicação da verminose e da anemia junto à população escolar;

c) Intensificar e ampliar os programas de alimentação escolar.

3 — A respeito do planejamento familiar, a maioria dos debatedores fez as seguintes sugestões:

a) Analisar a possibilidade de a rede de assistência médica do INAMPS apoiar efetivamente a execução de programas de planejamento familiar;

b) Considerar a adoção dos seguintes critérios para a implantação de programas de planejamento familiar:

• Suas ações devem fluir através do Sistema Nacional de Saúde;

• Devem estar integradas às demais ações que visam à saúde da mulher e do homem, não devendo ser executadas isoladamente;

• Devem ser considerados os aspectos da saúde do casal, particularmente a infertilidade;

c) Proceder a estudos sobre as condições de saúde da mulher do trabalhador.

4 — Sobre os problemas de saúde ocupacional ficou sugerido:

a) Disciplinar os assuntos de saúde ocupacional nas relações entre empresas e trabalhadores;

b) Dar ênfase ao investimento na prevenção das doenças ocupacionais;

c) Analisar a forma de facilitar o aleitamento materno para o caso da mãe trabalhadora.

No trópico

— Esperar do homem brasileiro a produtividade de um trabalhador europeu é um contrasenso e uma injustiça. Isso só seria possível se fosse possível mudar o ambiente, pois, no calor dos trópicos, ninguém consegue render com a mesma disposição de quem está trabalhando num clima temperado — observou o ginecologista Elismar Coutinho, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, no início dos debates.

Outra participante do debate, a socióloga Annez Andraus, propôs que os itens relativos à saúde fossem incluídos na negociação co-

letiva entre patrões e empregados na época do dissídio salarial. Uma reivindicação viável da classe operária, em sua opinião, seria a da instalação de centros de saúde com médicos neutros (não empregados das empresas a que estão ligados ao trabalhador) em centros de saúde especializados. Somente tais médicos poderiam ter capacidade de julgar se um operário merece ou não um dia sem trabalhar por problemas de saúde, segundo ela alegou.

— Afinal, a qual órgão do Governo vincula-se o médico especializado em saúde ocupacional? — ela perguntou.

O representante do Ministério do Trabalho, David Boianóvsky, sugeriu que o Certificado de Aprovação de Instalações — CAI — já previsto em lei, para permitir a atividade industrial e sob responsabilidade de seu Ministério, seja necessário para que se dê o “habite-se” a uma fábrica. Com isso, em seu ponto de vista, muitos acidentes de trabalho e doenças profissionais seriam evitados.

— É preciso também que se faça um diagnóstico exato das doenças profissionais no Brasil, mesmo que esse diagnóstico aumente as estatísticas e, com esse aumento, possa demonstrar uma possível ineficiência dos sistemas oficiais de saúde — disse.

O professor Elismar Coutinho, da UFBA, defendeu ardentemente na mesa-redonda a amamentação *ad libitum* na hora em que a criança sente fome e não numa hora certa) para as mães operárias, no momento em que se registrou a inexistência de berçários e lactários nos ambientes industriais no Brasil.

Alumínio

O ex-Secretário de Educação do Município de São Paulo, Professor Hilário Torloni, propôs também a adoção de uma campanha nacional para substituição dos vasilhames de alumínio para cozimento de comida, pois, segundo ele, a retirada dos vasilhames de ferro é uma das maiores responsáveis pela alta freqüência de anemia nas crianças em idade escolar.

Os Professores José Aristodemio Pinotti, Walter Leser e Alberto Carvalho da Silva defenderam, durante todos os debates, a tese segundo a qual é preciso dar prioridade absoluta à rede de hospitais de atenção primária no Brasil, como passo inicial para combater as distorções do sistema de saúde instalado no País.

O Professor Malaquias Batista, discípulo do cientista Nelson Chaves, cujas observações sobre as consequências da desnutrição no porte físico do homem nordestino motivaram a Fundação Emílio Odebrecht a instituir o prêmio sobre Produtividade, fez uma exposição com slides e gráficos a respeito da supressão de várias fases normais da vida do homem brasileiro, por causa de sua extrema necessidade de sobrevivência.

No debate, foi considerada prioritária a fase de formação do trabalhador brasileiro. Os participantes consideraram essencial discutir a formação do homem já no ventre da mãe, porque a literatura médica é farta nas provas de que o desenvolvimento cerebral acontece apenas na fase inicial da vida do ser humano.

Por isso, os problemas de alimentação das mães, durante a gestação, do planejamento familiar para espaçar os filhos possibilitando à mãe uma melhor condição de nutrição e da criança nos primeiros anos de vida mereceram discussão mais longa e mais acalorada. Os problemas específicos de doenças profissionais e acidentes de trabalho (saúde ocupacional) mereceram menor destaque justamente em função da conclusão de que a produtividade do homem é função de sua capacidade de ser treinado e não da força física mera e simples, conseguida com suplementação alimentar na fase adulta.

Saúde, o doente mais incurável



José A. Pinotti

-NÃO é necessário construir mais nenhum hospital neste país, nenhum, os hospitais estão cheios, superlotados e têm filas, mas isso não acontece porque eles são poucos, é porque não têm uma rede de atenção primária eficiente e porque não são organizados.

Um dos mais respeitados ginecologistas do Brasil, o Reitor da Universidade Estadual de Campinas José Aristodemio Pinotti, acha que por mais dinheiro no Sistema de Saúde tal como ele existe no Brasil é medicar um doente incurável. Em sua opinião, urge mesmo é modificar o sistema inteiro, com coragem e pé no chão.

Pinotti defendeu, na mesa-redonda, que a Previdência Social crie uma carreira de médicos e equipe seus próprios hospitais, para evitar o excesso de operações como a cesariana e a verdadeira sangria dos recursos previdenciários enriquecendo grupos particulares sem escrúpulos.

Os professores despreparados



Hilário Torloni

HA hoje no Brasil professores de uma matéria nova, chamada programa de saúde, mas o despreparo desses professores reflete-se na formação de conceito de saúde dos futuros trabalhadores brasileiros, por via das crianças, das próprias famílias. Acho, portanto, que as Faculdades que formam professores precisam realmente enfatizar programas de saúde para os professores, dando-lhes noções básicas que realmente eles não possuem.

Médico, ex-Secretário de Educação do Município de São Paulo, o Professor Hilário Torloni, patrocinou uma pesquisa que mostrou a relação entre o nível proteico e calórico da merenda escolar e a repetência dos alunos do primeiro ano do primeiro grau em escolas da periferia da Capital paulista. Ele acha que o despreparo dos professores é tão grande que qualquer programa de informação sanitária em escolas públicas será inútil se não for acompanhado de um trabalho de informação nas Faculdades de Filosofia.

Menos filhos, mais alimentos



Elismar Coutinho

-EU acho que o planejamento familiar é sempre bom. A família pobre que planeja ou espaça seus filhos — se podemos oferecer isso sem gastos — está sempre dando um primeiro passo para se desfazer do círculo vicioso de suas péssimas condições de nutrição e saúde, porque, se espaça os filhos, pode se alimentar melhor enquanto não nascem outros.

O ginecologista baiano Elismar Coutinho, professor da Faculdade de Medicina da UFBA, fez, na mesa-redonda, uma veemente defesa do planejamento familiar, discordando dos outros participantes dos debates.

— As despesas com o planejamento familiar no Brasil hoje, poderiam ser feitas, ou acredito, simplesmente com a ajuda das Nações Unidas: uma doação sem retorno que eles fizeram a quase todos os países que a solicitaram, alguns, inclusive, desenvolvidos, usando um fundo sem retorno para comprar dispositivos, educar médicos, comprar pílulas anticoncepcionais etc.

A doença tem um bom Ministério



David Boianóvsky

-NÓS temos um vasto Ministério da Doença e um ridículo Ministério da Saúde. Nós temos uma vasta preocupação com a doença e uma ridícula preocupação com a saúde. Tanto é verdade que a Previdência Social, que detém o monopólio da contribuição para o seguro, reserva 99% para pagar o infortúnio e 1% para fazer a prevenção. Ora, isso não tem sentido.

A opinião é do médico nutricionista David Boianóvsky, secretário de Segurança e Higiene do Trabalho do Ministério do Trabalho, que representou na mesa-redonda do JB. Boianóvsky defendeu a tese de que o Brasil vive uma enorme crise de energia humana, pois provavelmente mais de 60% da produção nacional são fruto do trabalho braçal dos trabalhadores.

— A capacidade de trabalho do homem brasileiro está reduzida e é altíssimo seu risco de contrair doenças ocupacionais e de sofrer acidentes no ambiente de trabalho.

A herança da fome crônica



Malaquias Batista

-A desnutrição sobre o homem marca uma condição tal que, embora não seja uma doença que tem características genéticas, que não tem características hereditárias, mas fundamentalmente é uma enfermidade do tipo ecológico (que resulta de condições ambientais adversas), termina por ter trágicas consequências para a geração seguinte, simulando um comportamento de doenças que teriam uma característica genética.

O nutricionista paraibano Malaquias Batista, do Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco, revelou que, em seus estudos na região nordestina com populações trabalhadoras da zona rural, encontrou um consumo médio de 1 mil 700 calorias por dia. A faixa de 1 mil 800 calorias, também muito baixa, só é atingida por pequenos proprietários de zero a 10 hectares. E o consumo só chega ao aceitável padrão de 2 mil calorias quando o grupo familiar ocupa terras de mais de 25 hectares de área. Isso explica a ocorrência de anemia em 64% dos trabalhadores rurais nordestinos.

Menos comida: menor estatura



Alberto C.

-UM estudo antropométrico do ENDEF, feito junto com o IBGE, mostra que há realmente hoje uma considerável redução do tamanho físico médio da população brasileira em certas regiões. A população infantil (até seis anos de idade) do Nordeste está num desvio — padrão abaixo do peso e abaixo da estatura previsível para a idade.

O grave, de acordo com o nutricionista Alberto Carvalho da Silva, Professor do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (USP), é que a redução de tamanho “implica numa redução de consumo calculado de alimentos que afetaria consideravelmente a produção nacional. Se se quer fazer um plano de produção de alimentos para a população brasileira, em termos de necessidades energéticas, há que se considerar essa diferença”.

— Conheço um trabalho da psicóloga Ana Maria Poppovic, de São Paulo, que mostrou que crianças de sete anos de níveis sociais mais baixos estão dois anos atrasadas em seu desenvolvimento mental.

Uma geração de nanicos burros



Walter Leser

-QUERO, nesta mesa-redonda, deixar posta uma indagação que me faça sempre: até que ponto nós não já estamos condicionando o futuro da saúde de nosso trabalhador, se pensarmos que ela é, antes de tudo, consequência de uma extrema condição de desnutrição na vida intra-uterina, durante o primeiro e o segundo ano de vida das nossas crianças?

O sanitarista Walter Leser, professor de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina, confessou-se assustado com sua própria pergunta. E completou:

— Estamos, nas condições atuais do Brasil, preparando uma geração de nanicos. E mais, nanicos burros. Quando se fala nos programas de merenda escolar e de refeição suplementar para o trabalhador adulto, até que ponto não estaremos fazendo o célebre papel daqueles cavalheiros que corriam para apagar o incêndio depois que a casa já estava inteiramente destruída, pelo fogo, não é?

Um bem que não se pode vender



Annez Andraus

-FOI com satisfação que vi, pelo menos em São Paulo, alguns sindicatos operários começarem uma campanha de propaganda a nível de base, com o seguinte slogan: “Saúde não se troca por dinheiro”.

Socióloga, especialista em classe operária, Annez Andraus, diretora do Departamento Interindustrial de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, apresentou na mesa-redonda uma pesquisa com 2 mil famílias na Grande São Paulo, mostrando a redução do tamanho médio da família trabalhadora e a introdução precoce de membros dessa família na atividade produtiva.

— Essa introdução precoce na força do trabalho resulta, contudo, numa retirada forçada antecipada, na medida em que precocemente essa força de trabalho é delapidada de uma forma muito mais dramática, muito mais violenta.

Annez Andraus denunciou que o contato do trabalhador com coisas degradantes (como o uso do sanitário numa linha de produção) causa seriíssimos problemas de saúde.

Contradição na política social



Hésio Cordeiro

-AS políticas sociais no campo da assistência médica seguem muito mais uma lógica do desenvolvimento de um setor de cuidados de saúde, cuja função termina por não privilegiar propriamente os cuidados de saúde, mas sim uma lógica do crescimento empresarial do setor médico-hospitalar.

Pesquisador do Instituto de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Hésio de Albuquerque Cordeiro acha também que as políticas sociais do Estado brasileiro, que deveriam dirigir-se fundamentalmente para a redução dos níveis de desigualdades sociais, terminam por cumprir outra função: “elas quase perdem seu caráter de política social para se transformarem em política econômica”.

— A dificuldade maior é que existe uma contradição entre as políticas sociais adotadas no Brasil e a função social de tais políticas sociais, como compatibilizar a busca da igualdade social a partir delas com outra destinação econômica que as mesmas políticas sociais têm assumido em nosso país?

PRODUTIVIDADE É TEMA DE CONCURSO

A Produtividade do Trabalhador Brasileiro é o tema de concurso de monografias promovido pela Fundação Emílio Odebrecht, que no final do ano premiará o vencedor com Cr\$ 1 milhão. A mesa-redonda sobre desenvolvimento físico e mental do trabalhador brasileiro integra a programação do concurso, da qual fazem parte discussões de outros temas: transporte de massas (já promovida pelo jornal A Tarde, de Salvador), alimentação (a ser realizada este mês pelo jornal O Estado de S Paulo, este mês); anseios da classe operária brasileira e, por fim, a produtividade dos trabalhadores na construção civil (serão promovidas pela Fundação Emílio Odebrecht).

Iniciada às 9h, a reunião durou um dia inteiro, ficando registradas oito horas de debates gravados. A mesa-redonda contou além dos especialistas, com a participação de dois representantes da Fundação Emílio Odebrecht (o vice-presidente Josaphat Marinho e o diretor-executivo Reynaldo Cavalheiro Marcondes), o representante da diretoria do JORNAL DO BRASIL (Mauro Guimarães, chefe da sucursal de São Paulo) e o representante do jornal A Tarde (Cruz Rios, editor-chefe); como moderador atuou José Nêumanne Pinto, repórter da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em São Paulo.